

## Aspectos sintáticos dos adjetivos em kheuól do Uaçá

Glauber Romling da Silva

Universidade Federal do Amapá, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4286-159X>

**ABSTRACT:** This article aims to present aspects of the syntactic distribution of the lexical category of adjectives in Kheuól do Uaçá, an indigenous language spoken by the Karipuna and Galibi-Marworno peoples on the Franco-Brazilian border in the municipality of Oiapoque, Amapá, Brazil. To establish the contrast with other lexical categories, we observed the behavior of adjectives in relation to their order of occurrence and in comparative constructions. In Kheuól, only adjectives can precede nouns in determiner phrases headed by the indefinite *un* ‘a’, verbs and participles cannot. Only verbs can be followed by *plis ki* ‘more than’ in comparatives, adjectives and participles must be preceded by *pi* ‘more’. Although participles occur as the complement of *pi* (as adjectives), they cannot precede nouns in phrases headed by the indefinite *un* ‘a’ (adjectives may). We interpret, structurally, participles as deverbal adjectives. We use the term ‘participle’ only as a descriptive label. We aim with this inaugural work to provide a preliminary contribution to the understanding of the defining syntactic properties of the lexical category of adjectives.

**KEYWORDS:** Lexical categories; Adjectives; Indigenous languages; Creole languages; Kheuól do Uaçá

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar aspectos da distribuição sintática da categoria lexical de adjetivos em kheuól do Uaçá, língua indígena falada pelos povos Karipuna e Galibi-Marworno na fronteira franco-brasileira no município de Oiapoque, Amapá, Brasil. Para estabelecermos o contraste com outras categorias lexicais, observamos o comportamento de adjetivos em relação à sua ordem de ocorrência e em construções comparativas. Em kheuól, somente adjetivos podem preceder nomes em sintagmas determinantes encabeçados pelo indefinido *un* ‘um’, verbos e participípios não podem. Somente verbos podem ser seguidos de *plis ki* ‘mais que’ em comparativas, adjetivos e participípios devem ser precedidos por *pi* ‘mais’. Apesar de participípios ocorrerem como complemento de *pi* (como adjetivos), não podem preceder nomes em sintagmas encabeçados pelo indefinido *un* ‘um’ (adjetivos podem). Interpretamos, estruturalmente, participípios como adjetivos deverbais. Usamos o termo ‘participípio’ apenas como um rótulo descritivo. Buscamos com este trabalho inaugural contribuir preliminarmente para o entendimento das propriedades sintáticas definidoras da categoria lexical de adjetivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Categorias lexicais; Adjetivos; Línguas indígenas; Línguas crioulas; Kheuól do Uaçá

### 1 Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar aspectos da distribuição sintática de adjetivos em kheuól do Uaçá (ou somente kheuól), língua indígena falada pelos povos Karipuna (2922 pessoas, Siasi/Sesai 2014) e Galibi-Marworno (2529 pessoas, Siasi/Sesai 2014)<sup>1</sup> no município de Oiapoque, no estado do Amapá, Brasil, fronteira franco-brasileira. A língua kheuól é derivada do guianense. O guianense nasceu em Caiena na segunda metade do século XVII a partir do contato abrupto entre franceses invasores e povos escravizados do oeste da África. Esses povos, em geral, falavam línguas nigero-congolesas (Lefebvre 1998; Bobyleva 2013; Aboh; DeGraff 2014). As populações escravizadas da África aprenderam francês como L2, em um cenário de extrema violência

---

<sup>1</sup> As fontes para ambos os levantamentos populacionais são os respectivos sites Galibi-Marworno e Karipuna no portal do Instituto Socioambiental: [https://pib.socioambiental.org/en/Povo:Galibi\\_Marworno](https://pib.socioambiental.org/en/Povo:Galibi_Marworno) e [https://pib.socioambiental.org/en/Povo:Karipuna do Amap%C3%A1](https://pib.socioambiental.org/en/Povo:Karipuna_do_Amap%C3%A1). Acessos em 29 de setembro de 2022.

e terror. Essa gramática de francês L2 foi transmitida como L1 às gerações seguintes de escravizados, em um contexto multilíngue (Jacobs; Parkvall 2021), mas com bastante segregação entre os falantes de francês colonizadores e as populações escravizadas. Mecanismos inerentes ao aprendizado de L2 de adultos e aquisição de L1 moldaram uma gramática distinta do francês. Línguas que nasceram no contexto da escravidão colonial ultramarina são usualmente chamadas de ‘crioulas’. Neste trabalho, tratamos esse conceito como de natureza exclusivamente sócio-histórica (Mufwene 2014; Aboh; DeGraff 2014, 2017).

Adjetivos apresentam-se como um desafio para entender o que distingue as categorias lexicais umas das outras. Nomes denotam situações “permanentes” (Bhat 1994; Croft 2000) e podem ter critério de identidade e índice referencial (Baker 2003); verbos denotam situações “transitórias” (Bhat 1994; Croft 2000) e podem projetar especificador (Spec) (Baker 2003); adjetivos, por sua vez, não seriam capazes de nada disso (Baker 2003). A evidência para a identificação de adjetivos interlinguisticamente varia bastante. Em algumas línguas, adjetivos compõem uma classe aberta com características morfológicas bem claras (português, por exemplo); em outras, apenas o comportamento sutilmente diferente de algumas raízes é capaz de revelar uma categoria de adjetivos distinta (kheuól do Uaçá). A sutileza de comportamento em geral envolve características gramaticais que também se distribuem entre outras categorias lexicais, mas que em bloco identificam adjetivos.

Em kheuól, somente adjetivos podem preceder nomes em sintagmas encabeçados pelo indefinido *un* ‘um’, verbos e participípios não podem. Somente verbos podem ser seguidos de *plis ki* ‘mais que’ em comparativas, adjetivos e participípios devem ser precedidos por *pi* ‘mais’. Por fim, muito embora participípios ocorram como complemento de *pi* (como adjetivos), não podem preceder nomes em sintagmas encabeçados pelo indefinido *un* ‘um’ (adjetivos podem). Por isso, interpretamos, estruturalmente, participípios como adjetivos deverbais. Usamos o termo ‘participípio’ apenas como um rótulo descritivo.

Neste trabalho, examinamos a distinção entre adjetivos e predicados intransitivos, sua ordem de modificação e comportamento em comparativas. Na conclusão enunciamos alguns desafios de análise para os quais os dados sobre adjetivos em kheuól apresentados podem contribuir.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: Na 1 *Introdução* apresentamos informações sobre os objetivos e a organização do trabalho; em 2 *O kheuól do Uaçá*, abordamos a história da língua, sua vitalidade e estudos recentes; em 3 *Procedimentos metodológicos* explicitamos como este trabalho foi elaborado; em 4 *Adjetivos, o que os define?* apresentamos um panorama sobre as definições de adjetivos; em 5 *Predicados intransitivos e adjetivos*, indicamos alguns dados que mostram semelhanças sintáticas entre adjetivos e outras categorias; em 6 *Ordem de adjetivos em kheuól* exploramos a flexibilidade de ordem que adjetivos em kheuól apresenta; em 7 *Adjetivos em construções comparativas com pi...ki e plis ki*, apresentamos alguns contrastes entre adjetivos e outras categorias nesse ambiente sintático específico; em 8 *Adjetivos e participípios* apresentamos essa classe descritiva como adjetivos deverbais ;em 9 *Conclusões* resumimos as principais contribuições deste trabalho bem como fazemos alguns apontamentos para futuras investigações.

## 2. O kheuól do Uaçá

O kheuól do Uaçá é uma língua indígena derivada do guianense, língua que nasceu no século XVII, no contexto da invasão francesa da atual cidade de Caiena, capital da

Guiana Francesa (Silva, G; Rückert 2009; Cavlak 2016; Jennings; Pfänder 2018; Lüpke et al. 2020). Atualmente, o *kheuól* é falado pelos povos indígenas de origens distintas Karipuna e Galibi-Marworno, que compartilham a Terra Indígena do Uaçá no município de Oiapoque, Amapá, Brasil (Tassinari 1998; Vidal 2001; Gallois; Grupioni 2003; Silva, G. R. da 2019; Santos, G. M.; Silva, G. R. 2020; Silva, G. R. da 2021a; Silva, G. R. da 2021b; Forte, J. dos Santos 2021; Silva, J. Santos da 2021).

De 1713 até 1900, houve uma grande disputa, com diversos capítulos, entre França e Brasil (Portugal até 1822), pela localização da fronteira norte brasileira, o atual Amapá. Para franceses, o limite era o rio Araguari, mais ao sul, e geograficamente vantajoso; para os portugueses e depois brasileiros, o limite era o rio Oiapoque, mais ao norte (Cavlak 2016). Nesse contexto, essa fronteira sempre foi muito porosa. Com o difícil acesso, até o século XX, o Uaçá foi área de confluência de muitos povos indígenas e não indígenas que buscavam refúgio de perseguições (escravizados, revolucionários e estrangeiros) ou novas oportunidades de subsistência (garimpo) (Alleyne; Ferreira 2007). Em 1900, a fronteira atual no rio Oiapoque foi definitivamente reconhecida. Com objetivo de consolidar a ocupação territorial, o governo brasileiro investiu no bloqueio de influências francesas sobre a população indígena da região. Assim, o que chamamos de *kheuól* do Uaçá atualmente parece ter iniciado a sua distinção do guianense nessa época (Silva, G. R. da 2021b).

Atualmente, a vitalidade da língua *kheuól* do Uaçá, em suas variedades Karipuna e Galibi-Marworno, é bastante diversa. Alguns estudos preliminares apontam para bastante variedade de situações, desde comunidades em que a transmissão intergeracional é plena, e ainda conta com falantes monolíngues idosos, até algumas localidades em que essa transmissão já foi interrompida há décadas, com falantes adultos, na faixa dos 30 anos, já como a primeira geração de falantes passivos (admitem compreender mais do que falar) (Forte, J. dos S. 2020, 2021). Atualmente, as escolas indígenas da região têm o *kheuól* em sua grade curricular. Para atender a essa demanda, livros didáticos e paradidáticos (Forte, J. dos S. et al. 2019a, 2019b; Silva, J. S. da et al. 2019a; Silva, J. S. da et al. 2019b) foram elaborados a partir de oficinas de elaboração de duas ortografias distintas (Santos, G. M. dos; Silva, G. R da 2020).

Estudos mais recentes buscam abordar diversas interfaces da língua *kheuól*, como seu papel na escola e suas políticas linguísticas (Ferreira 2010; Silva, G. R. da 2019; Carvalho 2020; Façanha; Gomes 2020; Gomes 2019; Gomes et al. 2020; Sanches; Day 2020; Santos; Silva, G. R. da 2020; Silva, G. R. da; Santos, G. M. dos 2022), sua vitalidade e documentação (Campetela et al. 2017; Silva, G. R. da 2019), sua expressão em artes verbais (Vilhena 2020; Nunes; Forte, M. Z. 2020; Forte, J. dos S. 2021) e elaborar descrições gramaticais de aspectos ainda nada ou pouco estudados dessa língua Silva, G. R. da 2021a). Este artigo tem como objetivo descrever algumas características gramaticais da categoria lexical dos adjetivos no *kheuól* do Uaçá.

### 3. Procedimentos metodológicos

Para a realização deste trabalho, utilizamos duas bases de dados das variedades Karipuna e Galibi-Marworno dos subprojetos para a elaboração de dicionários *online* para ambas as variedades da língua *kheuól* do Uaçá.<sup>2</sup> Inicialmente, as bases de dados foram construídas a partir da elicitacão de 600 entradas para a variedade Karipuna e as mesmas 600 entradas para a variedade Galibi-Marworno. Cada entrada continha exemplos de frases de uso, criadas pelos próprios falantes, com áudio da entrada e da sentença. As

---

<sup>2</sup> PRODOCLIN (Funai/UNESCO).

entradas foram divididas em quatorze campos semânticos, a saber: termos de parentesco, natureza, estados, cores, ações físicas, movimentos, tempo, plantas, animais, partes do corpo, cultura, comida, sociedade e numerais. Essa base elicitada foi inserida no programa FLEx<sup>3</sup> de construção de bases de dados linguísticos.

As entradas elicitadas são uma adaptação daquelas encontradas no site <https://semdom.org/>,<sup>4</sup> que contém a mesma estrutura de campos semânticos do FLEx. Por razões práticas, optamos por esse modelo de trabalho inicial. Com a interlinearização e anotação dos exemplos de sentença, a base de dados foi expandida para 795 entradas e 916 entradas, para as variedades Karipuna e Galibi-Marworno, respectivamente.

A partir das estruturas dos exemplos apresentadas nas obras de Abeillé; Godard (1999), Aboh; DeGraff (2017), Baker; Stewart (1997); Bhat (1994); Bouchard (2022); Cinque (2010); Croft (2000), DeGraff (2007); Dixon (2004) e Hofherr (2010), foram elaborados questionários em kheuól para verificar possíveis contrastes morfossintáticos entre as categorias lexicais, com foco nas hipóteses sobre as características definidoras dos adjetivos. Os falantes foram não só instados a julgar a gramaticalidade dos estímulos elaborados, mas também a criar sentenças em que as estruturas-alvo fossem possíveis. De maneira complementar, uma base de dados secundários também construída no FLEx, com 104 textos e 3274 entradas, que compõe um apanhado de todo o material escrito publicado e disponível sobre o kheuól do Uaçá, também foi consultada para aclarar algumas questões.

#### 4. Adjetivos, o que os define?

A categoria lexical de adjetivos, se comparada com nomes e verbos, é muito pouco estudada e pode ser entendida de diversas maneiras. Adjetivos parecem não possuir característica positiva que os defina. Ou seja, enquanto nomes e verbos definem-se por terem certas características, adjetivos definem-se por não as terem. Baker (2003) define nomes como a categoria que pode deter critério de identidade e índice referencial, verbos podem projetar especificador, adjetivos definem-se por não poderem nem uma coisa nem outra. As representações clássicas de Chomsky (1970) também vão no mesmo caminho: nomes são [+N, -V], verbos são [-N, +V], adjetivos são [+N, +V]. Autores mais recentes defendem que adjetivos sequer têm projeção própria (adjetivizador), mas que seriam apenas epifenômeno de certas configurações sintáticas específicas (Mitrović; Panagiotidis 2020). Essas diversas formas de representar os adjetivos em teorias formais refletem dados que mostram uma categoria que, em geral, não apresenta característica individual exclusiva que a defina, mas sim um conjunto de características compartilhadas por outras categorias, mas que somente em adjetivos ocorre em conjunto.

Em um *continuum* semântico bem amplo que pode ir de noções mais estáveis no tempo (concretas ou abstratas) até aquelas que denotam propriedades dinâmicas, estativas, eventivas e processuais, as categorias lexicais de nomes e verbos são alocadas, respectiva, mas não necessariamente, mais no primeiro polo, enquanto verbos no segundo (Bhat 1994; Croft 2000). Os adjetivos e categorias com sabor adjetival (como participios, aqui interpretados como adjetivos deverbais (Medeiros 2006)), por sua vez, parecem não se apegar a características próprias e independentes que as aloquem de maneira preferencial em um desses extremos. Baker (2003: 238) (tabela 1) mostra um quadro que representa a flexibilidade categorial para representar situações transitórias (mais verbais) e permanentes (mais nominais) em cinco línguas distintas.

<sup>3</sup> Disponível em <https://software.sil.org/fieldworks/download/>. Acesso em 30/03/2023.

<sup>4</sup> Acesso em 30/03/2023.

**Tabela 1.** Adaptação e tradução baseadas em Baker (2003: 238)

Situações transitórias	Situações permanentes
<b>a</b> X---(verbos)---X------(Adjs <sup>5</sup> )-----X---(nomes)-X (inglês)	
<b>b</b> X---(verbos)---X---(A1S)---X---(A2S)-----X---(nomes)--X (japonês?)	
<b>c</b> X---(verbos)---X------(nomes)-----X (chichewa?, quechua?)	
<b>d</b> X------(verbos)-----X---(nomes)-X (mohawk?)	

Morfologicamente, adjetivos (e participios compartilham interlinguisticamente, características gramaticais com nomes e verbos. Dessa forma, podemos dizer que se adjetivos não têm características próprias, eles podem ser vistos como (sub)categorias ‘híbridas’. Podem compartilhar categorias gramaticais como número e gênero (1-5). Compare (1-3) com (4-5).

(1)	Ideia-s N <sup>6</sup> .F <sup>7</sup> -PL	verde-s ADJ-PL	incolor-es ADJ-PL
(2)	A DET.F	mulher N.F	bonit-a ADJ-F
(3)	O DET.M	homem N.M	bonit-o ADJ-M
(4)	O-s DET.M-PL	homen-s N.M-PL	para-d-o-s V <sup>8</sup> -PTCP.PST-M-PL
(5)	A-s DET.F-PL	mulher-es N.F-PL	para-d-a-s V-PTCP.PST-F-PL

Em latim, além de número e gênero, participios também expressam tempo e aspecto (6-8).

(6)	Ama-tur-us amar-PTCP.FUT-M ‘O que há amar.’
(7)	Ama-ns amar-PTCP.PRS ‘O que ama/o que está amando.’
(8)	Ama-t-us amar-PTCP.PST-M ‘Amado.’

(Rónai 2020)

<sup>5</sup> Adj ou A = adjetivo.<sup>6</sup> N = nome.<sup>7</sup>Todas as glosas deste artigo seguem o *The Leipzig Glossing Rules*. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/Glossing-Rules.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2022. Convenções particulares serão sinalizadas.<sup>8</sup> V= verbo.



- (11b) Èmèrí \*(yé) mòsè ADJETIVO  
Mary ser bonito  
'Mary é bonita.'

(Baker; Stewart 1997)

Em ambos os casos em (10-11), o verbo 'ser' media a relação entre o argumento e o verbo ou adjetivo. Em inglês, há diferença morfológica entre verbos e adjetivos. Em edo, verbos e adjetivos diferem na expressão tonal (Baker; Stewart 1997). Em kheuól, não há pistas morfológicas, fonéticas ou suprasegmentais evidentes que distingam adjetivos de verbos em ambientes de predicação monovalente. Apresentamos exemplos de mobilidade sintática entre nomes e adjetivos com diferentes composições do sintagma nominal, seja com nominais nus, o indeterminado *un* 'um', determinantes (singular *-la* e plural *-iela*) e o demonstrativo *sa* 'este'. Adjetivos, verbos e nomes podem ocorrer justapostos, sem nenhuma pista morfológica que os contraste (12-14).

- (12) Sulie nov (NOME-ADJETIVO)  
sapato novo  
'O sapato novo / sapatos novos.'

- (13) Uom maxe (NOME-VERBO)  
homem andar  
'O homem andou.'

- (14) Batxi maniók (NOME-NOME)  
roça mandioca  
'Roça de mandioca.'

A ordem verbal não é afetada pela presença de advérbios. Os advérbios são uma classe fechada que ocorre às margens do sintagma verbal. Semanticamente, expressam tempo (15), modo (16) e lugar (17). Advérbios de tempo ocorrem em geral precedendo o sintagma verbal, já os de modo e lugar ocorrem na sequência. Alguns falantes expressam estranhamento (#) em relação aos exemplos (15b), (16b) e (17b), mas não os julgam agramaticais.

- (15a) Aie ie plâte kan la so batxi TEMPO  
ontem 3SG plantar cana em 3SG.POSS roça  
'Ontem eles plantaram cana na roça dele.'

- (15b) Ie plâte kan la so batxi aie (#)  
3PL plantar cana em 3SG.POSS roça ontem  
'Ontem eles plantaram cana na roça dele.'

- (16a) Li mǎje puasõ-la vit MODO  
3SG comer peixe-DEF.SG rapidamente  
'Ele comeu o peixe rapidamente.'

- (16b) (#)Vit li mǎje puasõ-la  
rapidamente 3SG comer peixe-DEF.SG  
'Ele comeu o peixe rapidamente.'

(17a) Pwomie fwa mo hive **laba** LUGAR  
 primeira vez 1SG chegar lá  
 ‘Primeira vez que eu chego (vou) lá.’

(17b) (#)Laba pwomie fwa mo hive  
 lá primeira vez 1SG chegar  
 ‘Primeira vez que eu chego (vou) lá.’

Em um sintagma determinante encabeçado pelo artigo indefinido *un* ‘um’, somente o adjetivo também pode ocorrer preposto e modificando o nome<sup>9</sup> (18-20). Optamos por explorar mais exaustivamente sintagmas nominais encabeçados pelo indefinido *un*, pois “mesmo [o *kheuól*] sendo uma língua com artigos que codificam singular e plural, os nominais nus podem ter denotações distintas em termos de unicidade.” (G. R. da Silva 2021a, p. 5). A mobilidade sintática do adjetivo em relação ao adjetivo é uma característica comum em línguas românicas.

(18a) Un sulie nov (ADJETIVO)  
 INDF sapato novo  
 ‘Um sapato novo.’

(18b) Un nov sulie  
 INDF novo sapato  
 ‘Um novo sapato.’

(19a) Un uom maxe (VERBO)  
 INDF homem andar  
 ‘Um homem andou.’

(19b) \*Un maxe uom  
 INDF andar homem

(20a) \*Un maniok batxi (NOME)  
 INDF mandioca roça

(20b) Un batxi maniok  
 INDF roça mandioca  
 ‘Uma roça de mandioca.’

O *kheuól* pode apresentar em seu sintagma nominal os determinantes singular *-la* e o plural *-iela*. Observa-se mobilidade sintática do adjetivo em relação ao nome, contanto que esses determinantes ocorram sufixados e com escopo sobre o núcleo do sintagma nominal ((25a) e (25b) são agramaticais). O plural *-iela*, em específico, deve vir imediatamente sufixado ao nome ((24a) é agramatical). O demonstrativo *sa* ‘este’, que, quando presente, coocorre com o determinante também pode posicionar-se preposto ao sintagma nominal sem prejuízo aos limites dessa mobilidade.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Em relações genitivas entre nomes, o possuidor ocorre antes do possuído (*mo mamã so kaz*, minha mãe 3.POSS casa, ‘casa da minha mãe’). Nesse tipo relação, o possuidor pode ocorrer posposto quando projetado pela preposição *dji* ‘de’ (*kaz-la dji mo mamã*). Não abordamos estruturas genitivas neste trabalho.

<sup>10</sup> Diferentes variedades do *kheuól* parecem afetar a leitura na interação de morfemas do sintagma nominal e a ordem dos adjetivos. Para alguns falantes do *kheuól* Karipuna, o exemplo (24b) soa pouco natural,



- (21a) Un vie uom  
 INDF velho homem  
 ‘Um velho homem.’
- (21b) Un uom vie  
 INDF homem velho  
 ‘Um homem velho.’
- (22a) (Sa) vie uom-la  
 DEM velho homem-DEF.SG  
 ‘(Este)/O velho homem.’
- (22b) (Sa) uom vie-la  
 DEM homem velho-DEF.SG  
 ‘(Este)/O homem velho.’
- (23a) (Sa) uom-la vie  
 DEM homem-DEF.SG velho  
 ‘(Este)/O homem velho.’
- (23b) (Sa) vie uom-iel  
 DEM velho homem-DEF.PL  
 ‘(Estes)/Os velhos homens.’
- (24a) \*(Sa) uom vie-iel  
 DEM homem velho-DEF.PL
- (24b) (Sa) uom-iel vie  
 DEM homem-DEF.PL velho  
 ‘(Estes)/Os homens velhos.’
- (25a) \*(Sa) vie-la uom  
 DEM velho-DEF.SG homem
- (25b) \*(Sa) vie-iel uom  
 DEM velho-DEF.PL homem

Adjetivos em *kheuól* podem ocorrer prepostos ou pospostos. No entanto, somente adjetivos (também) podem ocorrer prepostos, enquanto verbos não o podem.<sup>11</sup> Na seção 6, exploramos a ordem variável dos adjetivos, característica dos adjetivos em muitas línguas, como nas românicas.

---

embora não seja agramatical. A natureza do sintagma nominal do *kheuól* em suas variedades *Karipuna* e *Galibi-Marworno* merecem maior investigação.

<sup>11</sup> Não constatamos em nenhuma das frases elaboradas pelos falantes nas duas bases utilizadas exemplos de verbos prepostos ao sujeito (no modo indicativo), além disso todos os estímulos nesse formato foram rechaçados. Também não constatamos esse ordenamento em nenhum dos 104 textos consultados em uma base de dados secundários.

## 6. Ordem de adjetivos em kheuól

Em português e línguas românicas em geral, parte dos adjetivos tem a capacidade de ocorrer pré ou posnominalmente, sempre com efeito semântico<sup>12</sup> (cf. Abeillé; Godard 1999; Bouchard 2002; Cinque 2010). Adjetivos atributivos podem variar entre leituras intersectivas (26a) e não-intersectivas (26b) a depender da ordem. Em inglês, que não permite mudança de ordem, a sentença (27a) é ambígua entre as duas leituras (27b-27c).

(26a) Dançarina bela. (intersectiva: x é uma dançarina e x é bela)

(26b) Bela dançarina. (não-intersectiva: x é uma dançarina e x é bela como dançarina, não necessariamente como um todo)

(27a) Olga is a beautiful dancer.  
Olga ser uma bonita dançarina

(27b) ‘Olga é uma dançarina que é bonita’ (intersectiva)

(27c) ‘Olga dança bonitamente’ (não-intersectiva)

(Vendler 1967; Larson 1998 *apud* Hofherr 2010)

O kheuól pode apresentar adjetivos pré e pós-nominais. Já vimos que uma das características dos adjetivos é que eles podem ocorrer pré-nominais, enquanto verbos não o podem (no modo indicativo). No entanto, adjetivos não estão restritos a essa posição, todos podem ocorrer pós-nominais (28-34). Quando há mais de um adjetivo ou modificador, adjetivos mais prototípicos, como *gho* ‘grande’, ocorrem à esquerda (29b). Outros modificadores podem ocorrer à direita do nome em sequência (29c).

(28) Li maie ke un [uom vie] pase li  
3SG casar com INDF homem velho mais 3SG  
‘Ela casou com um homem mais velho do que ela.’

(29a) Li fe un [kaz phox] dji so batxi  
3SG fazer INDF casa próxima de 3.POSS roça  
‘Ela fez uma casa próxima da roça dela.’

(29b) Li fe un [gho [kaz phox]] dji so batxi  
3SG fazer INDF grande casa próxima de 3.POSS roça  
‘Ela fez uma casa grande próxima da roça dela.’

(29c) Li fe un [[gho [kaz bwa]] phox] dji so batxi  
3SG fazer INDF grande casa madeira próxima de 3.POSS roça  
‘Ela fez uma casa grande de madeira próxima da roça dela.’

<sup>12</sup> As consequências semânticas da ordem dos adjetivos não serão tratadas neste trabalho. Sabe-se que, respectivamente, em português, espanhol, italiano e francês, língua da qual o kheuól deriva, parte dos adjetivos mostra mobilidade sintática em relação aos nomes modificados: *bela dançarina, dançarina bela; hermosa bailarina, bailarina hermosa; belle danseuse, danseuse belle; bella ballerina, ballerina bella*. Esta se mostra uma característica pervasiva em línguas românicas e será investigada em trabalhos futuros.

- (30) Li pote un [plã ha]  
3SG trazer INDF planta rara  
'Ela trouxe uma planta rara.'
- (31) Li bai li un [goble plê] ke tafia  
3SG dar 3SG INDF copo cheio com cachaça  
'Ela deu para ele um copo cheio com cachaça.'
- (32) Pa gãie un [kuto bõ] la sa kaz-la  
NEG ter INDF faca boa em DEM casa-DEF.SG  
'Não tem uma faca boa nesta casa.'
- (33) Li txue un [pak gho]  
3SG matar INDF paca grande  
'Ele matou uma paca grande.'
- (34) Un [balõ hõ]  
INDF balão redondo  
'Um balão redondo.'
- Verbos no modo indicativo (35-36) nunca precedem seu especificador (37).  
Verbos no modo imperativo (38) podem preceder seu único argumento. Somente  
adjetivos podem ser pré-nominais (39-41).
- (35) Mo kaz tõe  
1SG.POSS casa cair  
'Minha casa caiu.'
- (36) Mo maxe  
1SG andar  
'Eu andei.'
- (37) \*Maxe mo  
andar 1SG
- (38) Tõe mo kaz  
cair 1SG.POSS casa  
'Derrube minha casa!  
\* 'Caiu minha casa.'
- (39) Li maie ke un vie uom  
3SG casar com INDF velho homem  
'Ela casou com um homem velho.'
- (40) Mo axte un bõ kuto  
1SG comprar INDF boa faca  
'Eu comprei uma boa faca.'
- (41) Li gãie un gho pak la so batxi  
3SG ter INDF grande paca em 3SG.POSS roça  
'Ele tem uma grande paca na roça dele.'

O *kheuól* é o tipo de língua em que parece que todos os adjetivos são verbos ou são deverbais. A ausência de morfologia distintiva e o compartilhamento de vários ambientes sintáticos semelhantes evidenciam isso (cf. tabela 2). No entanto, um exame de características sintáticas mais sutis mostra contrastes entre adjetivo, participípios e verbos. Na seção 7, analisamos verbos e adjetivos em construções comparativas.

### 7. Adjetivos e verbos em construções comparativas com *pi...ki* e *plis ki*

O comportamento de adjetivos em construções comparativas é bastante invocado como ambiente preferencial para a ocorrência exclusiva de adjetivos (Baker 2003; Matos; Brito 2008). Baker (2003) argumenta que *Degree Heads* (Sintagmas de Grau) são núcleos funcionais que tomam como complemento adjetivos. Em inglês, adjetivos são complemento de *too* (muito), *as...as* (tão... quanto), *so* (tão) and *how* (quão) (42-45).

- (42) Mary is *too* intelligent (to make such a mistake).  
'Mary é muito inteligente (para cometer tal engano).'
- (43) Mary is *as* intelligent *as* Einstein  
'Mary é tão inteligente quanto Einstein.'
- (44) Mary is *so* intelligent that she solved the problem immediately.  
'Mary é tão inteligente que ela resolveu o problema imediatamente.'
- (45) *How* intelligent is Mary?  
'Quão inteligente é Maria?'

Em construções comparativas em *kheuól*, somente adjetivos (46) e participípios (47) podem ocorrer como complemento de *pi* (mais)<sup>13</sup> e somente verbos podem anteceder *plis ki* (48).

- (46a) Mahi pi nov ki Joana (ADJETIVO)  
Maria mais nova que Joana  
'Maria é mais nova do que Joana.'
- (46b) \*Mahi nov plis ki Joana  
Maria nova mais que Joana
- (47a) Mahi pi malad ki Joana (PARTICÍPIO)  
Maria mais doente que Joana  
'Maria é/está mais doente do que Joana.'
- (47b) \*Mahi malad plis ki Joana  
Maria doente mais que Joana
- (48a) Mahi maxe plis ki Joana (VERBO)  
Maria andar mais que Joana  
'Maria andou mais do que Joana.'

<sup>13</sup> Cf. seção 8 para a distinção entre adjetivos e participípios.

- (48b) \*Mahi pi maxe ki Joana  
 Maria mais andar que Joana

O mesmo diagnóstico ocorre para o haitiano (49-50), que também é uma língua derivada do francês nascida no contexto colonial do Caribe (DeGraff 2007).

- (49a) Jan pli bèl ke Jak. (ADJETIVO HAITIANO)  
 João mais bonito que Jak.  
 ‘João é mais bonito que Jak.’

- (49b) \*Jan bél plis ke Mari  
 João bonito mais que Maria.

- (50a) Jan maxe plis ke Mari (VERBO HAITIANO)  
 João andar mais que Maria.  
 ‘João anda mais que Maria.’

- (50b) \*Jan pli maxe ke Jak.  
 João mais andar que Jak.

(DeGraff 2007: 114)

O ambiente sintático das comparativas é capaz de distinguir adjetivos de verbos. Na próxima seção vamos apresentar o que contrasta participípios de adjetivos.

## 8. Adjetivos e participípios

Adjetivos (52) diferenciam-se de participípios (51), pois não podem ocorrer prepostos ao nome em um sintagma determinante com o artigo indefinido *un*, a mesma restrição de ordem afeta verbos (53).

- (51) \*Un malad uom<sup>14</sup> (PARTICÍPIO)  
 INDF doente homem

- (52) Un gho wom (ADJETIVO)  
 INDF grande homem  
 ‘Um grande homem.’

- (53) \*Maxe mo (VERBO)  
 andar 1SG

Verbos não podem ocorrer como complemento de *pi* (54), adjetivos (55) e participípios (56), podem.

- (54a) Mahi maxe plis ki Joana (VERBO)  
 Maria andar mais que Joana  
 ‘Maria andou mais do que Joana.’

<sup>14</sup> Tão pouco a expressão ‘*malad uom*’ seria possível. Como explicado na seção 5, a opção por explorar sintagmas nominais encabeçados pelo indefinido *un* justifica-se pelo fato de nominais nus poderem exibir leituras distintas em termos de unicidade. Para mais detalhes sobre a expressão de unicidade, especificidade, cardinalidade, numerosidade e quantificação no sintagma nominal do *kheuól*, veja G. R. da Silva (2021a).

- (54b) \*Mahi pi maxe ki Joana  
 Maria mais andar que Joana
- (55a) Mahi pi nov ki Joana (ADJETIVO)  
 Maria mais nova que Joana  
 ‘Maria é mais nova do que Joana.’
- (55b) \*Mahi nov plis ki Joana  
 Maria nova mais que Joana
- (56a) Mahi pi malad ki Joana (PARTICÍPIO)  
 Maria mais doente que Joana  
 ‘Maria é/está mais doente do que Joana’
- (56b) \*Mahi malad plis ki Joana  
 Maria doente mais que Joana

Particípios agregam comportamentos sintáticos de verbos e de adjetivos. O compartilhamento de características gramaticais é comum em formas participiais. Em português, participios expressam aspecto (como verbos), gênero e número (como nomes).<sup>15</sup> Em kheuól, quanto às restrições de ordem, participios são como verbos (51,53). Já no contexto de *pi/plis...ki*, participios são como adjetivos (55, 56). Uma hipótese é analisá-los como adjetivos deverbais. Isso faria do termo “particípio” apenas um rótulo abrangente para uma estrutura sintática adjetival do tipo  $[[\sqrt{\quad}]v]a$  (cf. Halle; Marantz 1994; Marantz 1997). Analisar os participios como adjetivos deverbais também explicaria o fato de *pi* somente selecionar adjetivos e participios (e não verbos). Um estudo mais aprofundado sobre o efeito das propriedades sintático-semânticas das raízes verbais que possa a vir a resultar em formas participiais distintas não está no escopo deste trabalho e será elaborado em pesquisas futuras.

A tabela 2 resume os ambientes que distinguem adjetivos, de nomes, verbos e participios em kheuól.

**Tabela 2.** Resumo da distribuição sintática de adjetivos, participios (adjetivos deverbais) e verbos

	Adjetivo	Particípio	Verbo
N + X (pós)	OK	OK	OK
un X + N (pré)	OK	*	*
pi + X	OK	OK	*
X + plis ki	*	*	OK

## 9. Conclusões

Em kheuól, adjetivos ocorrem como categoria lexical distinta de verbos e nomes. Adjetivos podem ocorrer como modificadores justapostos à esquerda do nome, enquanto verbos e participios não podem. Somente adjetivos e participios podem ser complemento

<sup>15</sup> É interessante de notar que em português, número em formas nominais verbais pode se dar tanto com *-s*, que é o mesmo morfema que ocorre em nomes (homens parados, as casas), quanto com *-(e)m*, nas construções de infinitivo flexionado. O morfema *-m* expressa número em verbos (eu pedi pala eles participarem, eles cantam).

de *pi*, enquanto somente verbos podem ser seguidos por *plis ki*. Esses dados parecem confirmar as primeiras generalizações que buscaram explicar adjetivos a partir das suas características gramaticais transversais a de outras categorias lexicais. Algumas questões podem ser endereçadas para a análise futura destes dados, como (i) qual é a interação da ordem dos adjetivos com os outros elementos que podem compor o sintagma nominal? (ii) por que um sintagma determinante encabeçado pelo artigo indefinido *un* não aceita verbos e participípios prepostos, mas aceita adjetivos? (iii) qual é o comportamento de adjetivos em sentenças resultativas? (iv) que diferenças podem ser encontradas dentre as variedades Karipuna e Galibi-Marworno com relação a essas questões? Este trabalho buscou ser uma contribuição para o entendimento das características definidoras dos adjetivos a partir do comportamento sintático dos adjetivos em uma língua natural.

## Referências

- Abeillé, Anne; Godard, Danielle (1999). La position de l'adjectif épithète en français: le poids des mots. *Recherches linguistiques de Vincennes* 28: 9-32. <https://doi.org/10.4000/rlv.1211>
- Aboh, Enoch Oladé; DeGraff, Michel (2014). Some notes on bare noun phrases in Haitian Creole and Gungbe. In Tor A. Áfarli; Brit Mæhlum (eds.), *The sociolinguistics of grammar*, pp 203-236. Amsterdam/Philadelphia, Holanda/Estados Unidos da América: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/slcs.154.11abo>
- Aboh, Enoch Oladé; DeGraff, Michel (2017). A null theory of creole formation based on universal grammar. In Ian Roberts (ed.), *The Oxford handbook of universal grammar*, pp 401-458. Oxford/NewYork, Reino Unido/Estados Unidos da América: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199573776.013.18>
- Alleyne, Mervyn; Ferreira, Jo-Anne (2007). Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. In Magnus Huber; Viveka Vellupilai (eds), *Synchronic and diachronic perspectives on contact languages*, pp. 325-357. Amsterdam/Philadelphia, Holanda/Estados Unidos da América: John Benjamins Publishing Company. <http://doi.org/10.1075/cil.32.19fer>
- Baker, Mark C. (2003). *Lexical categories: verbs, nouns and adjectives*. Nova York, Estados Unidos da América: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/cbo9780511615047>
- Baker, Mark C.; Stewart, Osamuyimen Thompson (1997). Unaccusativity and the adjective/verb distinction: Edo evidence. *North East Linguistics Society* 27(1): 33-47. <https://scholarworks.umass.edu/nels/vol27/iss1/4>
- Bhat, D. N. S. (1994). *The adjectival category: criteria for differentiation and identification*. Amsterdam, Holanda: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/slcs.24>
- Bobyleva, Ekaterina (2013). *The development of the nominal domain in creole languages: a comparative-typological approach*. Utrecht: LOT. <https://www.lotpublications.nl/the-development-of-the-nominal-domain-in-creole-languages-the-development-of-the-nominal-domain-in-creole-languages-a-comparative-typological-approach>
- Bouchard, Denis (2002). *Adjectives, number and interfaces: why languages vary*. Oxford: Bingley: Brill. <https://doi.org/10.1163/9780585475219>
- Campetela, Cilene; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Elissandra Barros da; Silva, Glauber Romling da (2017). Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. *Revista Linguística* 13(1): 151-167. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/10425>

- Carvalho, Amanda da Costa (2020). O bilinguismo em aldeias Galibi-Marwono e Karipuna. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 1(2): 05-18. <https://doi.org/10.18468/rbli.2018v1n2.p05-18>
- Cavlak, Iuri (2016). Aspectos da colonização na Guiana Francesa e no Amapá: visões comparadas e imbricações históricas. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* 10(2): 158-181. <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/14881/13202>
- Chomsky, Noam (1970). Remarks on nominalization. In Roderick A. Jacobs; Peter S. Rosenbaum (eds.), *Reading in English transformational grammar*, pp. 184-221. Waltham-MA, Estados Unidos da América: Ginn. <https://doi.org/10.1017/s0022226700003170>
- Cinque, Guglielmo (2010). *The syntax of adjectives: a comparative study*. Cambridge, MA: MIT Press. <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262014168.001.0001>
- Croft, William (2000). Parts of speech as language universals and as language-particular categories. In Petra M. Vogel; Bernard Comrie (eds.), *Approaches to language typology*, pp. 65-102. Berlim/Nova York, Alemanha/Estados Unidos da América: Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110806120.65>
- DeGraff, Michel (2007). Kreyòl Ayisyen, or Haitian Creole (Creole French). In John Holm; Peter Patrick (eds.), *Comparative creole syntax: parallel outlines of 18 creole grammars*, pp. 101-126. Londres, Reino Unido: Battlebridge Publications. <http://lingphil.mit.edu/papers/degraff/degraff2007hc-ccs.pdf>
- Dixon, R. M. W. (2004). Adjectives classes in typological perspective. In R. M. W. Dixon; Alexandra Aikhenvald (eds.), *Adjective classes. A cross-linguistic typology*, pp.1-49. Oxford: Oxford University Press. <https://global.oup.com/academic/product/adjective-classes-9780199203468?cc=us&lang=en&#>
- Façanha, Augusto G. B.; Gomes, Antonio Almir S (2020). Amazônia e diversidades linguísticas. *Letras Escreve* 9(4): 79-85. <https://doi.org/10.18468/letras.2019v9n4.p79-85>
- Ferreira, Jo-Anne (2010). Bilingual education among the Karipúna and Galibi-Marwono. In Bettina Migge; Isabelle Léglise; Angela Bartens (eds.), *Creoles in Education*, pp. 211-236. Amsterdam, Holanda: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cli.36.09fer>
- Forte, Janina dos Santos (2020). Lang dji Pota-Iela: a Língua dos Pota. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 2(1): 29-44. <https://doi.org/10.18468/rbli.2019v2n1.p29-44>
- Forte, Janina dos Santos (2021). *Pota - a cura pelas palavras Karipuna, Galibi-Marwono e Palikur*. (Dissertação de mestrado em Letras). Macapá: Universidade Federal do Amapá. <https://www2.unifap.br/ppglet/files/2022/05/DISSERTACAO-JANINA-SANTOS-FORTE-FINAL-JAN-2022-FOLHA-CATA-2.pdf>
- Forte, Janina dos Santos; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da; Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019a), *No Lang No Mias -Liv paradjitatxik dji methes-ielá*. Macapá, AP: Editora da UNIFAP. <https://www2.unifap.br/editora/files/2020/02/no-lang-no-mias.pdf>
- Forte, Janina dos Santos; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da; Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019b). *Ximēdji konetmã -Liv djitatxik dji methes-ielá*. Macapá, AP: Editora da UNIFAP. <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/12/xime-dji-konetma.pdf>
- Gallois, Dominique; Grupioni, Denise. (2003). *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* São Paulo, SP: Instituto Iepé. [https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/livro\\_povos\\_indigenas\\_no\\_AP\\_e\\_N\\_do\\_PA.pdf](https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/livro_povos_indigenas_no_AP_e_N_do_PA.pdf)
- Gomes, Antonio Almir (org.) (2019). *Ensino de línguas e educação escolar indígena*. Macapá, AP: Editora da UNIFAP. <https://www2.unifap.br/editora/files/2020/08/ensino-de-linguas-e-educacao-indigena.pdf>



- Gomes, Antonio Almir; Barbosa, Josinete; Ferreira, Iohana. (2020). Do bilinguismo ao multilinguismo: um caminho para a escola indígena diferenciada. *Caderno de Letras* 36: 275-292. <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i36.17365>
- Halle, Morris; Marantz, Alec (1994). Some key features of Distributed Morphology. *MIT working papers in linguistics* 21 (275): 275-288. [https://babel.ucsc.edu/~hank/105/Halle\\_Marantz\\_1994.pdf](https://babel.ucsc.edu/~hank/105/Halle_Marantz_1994.pdf)
- Hofherr, Patricia Cabredo (2010). Adjectives. An introduction. In Patricia Cabredo Hofherr; Ora Matuhansky (eds.), *Adjectives: formal analyses in syntax and semantics*, pp. 1-26. Amsterdam, Holanda: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/la.153.00toc>
- Instituto Socioambiental (2022a). Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karipuna\\_do\\_Amap%C3%A1](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karipuna_do_Amap%C3%A1) (Acesso 29/09/2022).
- Instituto Socioambiental (2022b) Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Galibi\\_Marworno](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Galibi_Marworno) (Acesso 29/09/2022).
- Jacobs, Bart; Parkvall, Mikael (2021). How Gbe is Guianese French Creole? *Lingua* 250: 102939. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2020.102939>
- Jennings, William; Pfänder, Stepan (2018). History: the creation of French Guianese Creole. In William Jennings; Stepan Pfänder. *Inheritance and innovation in a colonial language: towards a usage-based account of French Guianese Creole*, pp. 7-81. Cham, Suíça: Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-61952-1\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-61952-1_2)
- Larson, Richard K (1998). Events and modification in nominals. In Devon Strolovitch; Aaron Lawson (eds.), *SALT VIII*, pp. 145-168. Ithaca, Estados Unidos da América: Cornell University. <https://doi.org/10.3765/salt.v8i0.2803>
- Lefebvre, Claire (1998). *Creole Genesis and the acquisition of grammar: the case of Haitian Creole*. (Cambridge Studies in Linguistics 88). Nova York: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/cbo9780511519826.002>
- Lüpke, Friederike; Stenzel, Kristine; Cabalzar, Flora Dias; Chacon, Thiago; Cruz, Aline da; Franchetto, Bruna; Guerreiro, Antonio; Meira, Sérgio; Silva, Glauber Romling da; Silva, Wilson; Storto, Luciana; Valentino, Leonor; Voort, Hein van der; Watson, Rachel (2020). Comparing Rural Multilingualism in Lowland South America and Western Africa. *Anthropological Linguistics* 62(1): 3-57. <https://doi.org/10.1353/anl.2020.0002>
- Marantz, Alec (1997). No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *University of Pennsylvania working papers in linguistics* 4(2): 201-225. <https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1795&context=pwpl>
- Matos, Gabriela; Brito, Ana (2008). Comparative clauses and cross linguistic variation: a syntactic approach. In Olivier Bonami; Patricia Cabredo Hofherr (eds.), *Empirical Issues in Syntax and Semantics* 7, pp. 307-329. Paris, França: CNRS. <http://www.cssp.cnrs.fr/eiss7/matos-brito-eiss7.pdf>
- Medeiros, Alessandro Boechat de (2006). O particípio presente no português. *Revista Letras* 69: 191-211. <https://doi.org/10.5380/rel.v69i0.7899>
- Mitrović, Moreno; Panagiotidis, Phoevos. (2020). Adjectives exist, adjectivisers do not: a bicategorical typology. *Glossa: a journal of general linguistics* 5(1): 1-28. <https://doi.org/10.5334/gjgl.940>
- Mufwene, Salikoko (2014). The case was never closed: McWhorter misinterprets the ecological approach to the emergence of creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 29(1): 157-171. <https://doi.org/10.1075/jpcl.29.1.06muf>

- Nunes, Maria Atilda; Forte, Maria Zani (2020). Pota pu fe fam akuxe vit: reza para fazer a mulher ter o filho mais rápido. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 1(2): 49-62. <https://doi.org/10.18468/rbli.2018v1n2.p49-62>
- Rónai, Paulo (2020). *Curso básico de latim: gradus secundus*. São Paulo, SP: Editora Cultrix. <https://www.amazon.com.br/Curso-B%C3%AAsico-Latim-Gradus-Secundus/dp/8531601037>
- Sanches, Romário; Day, Kelly (2020). Políticas linguísticas na área indígena dos Karipuna do Amapá: o caso do kheuól. *Revista Linguagem & Ensino* 23(4): 1317-1339. <https://doi.org/10.15210/rle.v23i4.18513>
- Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da (2020). Duas ortografias, uma língua: as variedades Karipuna e Galibi-Marworno do kheuól do Uaçá. *Revista Porto das Letras* 6(3): 228-250. <https://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9860>
- Silva, Glauber Romling da (2019). O kheuól do Uaçá: perspectivas em pesquisa. In Edna do Santos; Eduardo Alves Vasconcellos; Romário Duarte Sanches (orgs.), *Estudos linguísticos na Amazônia* volume 1, pp. 63-78. Campinas, Brasil: Pontes Editores. [https://www.ponteseditores.com.br/loja/index.php?route=product/product&product\\_id=1249](https://www.ponteseditores.com.br/loja/index.php?route=product/product&product_id=1249)
- Silva, Glauber Romling da (2021a). A distinção contável-massivo no kheuól do Uaçá. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas* 21: 1-17, e021004. <https://doi.org/10.20396/liames.v21i00.8661283>
- Silva, Glauber Romling da (2021b). Kheuól do Uaçá (Amapá): Aspectos históricos, gramática e educação. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento* 14(2): 58-68. <https://doi.org/10.24979/ambiente.v14i2.1016>
- Silva, Glauber Romling da; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos (2022). Reflexões sobre métodos de valorização linguística e cultural para a formação de professores pesquisadores indígenas. *Letras Escreve* 12(1): 185-197. <https://doi.org/10.18468/letras.2022v12n1.p185-197>
- Silva, Gutemberg; Rückert, Aldomar (2009). A fronteira Brasil-França: mudança de usos político-territoriais na fronteira entre Amapá (BR) e Guiana Francesa (FR). *Confins. Revue franco-brésiliense de géographie / Revista franco-brasileira de geografia* 7: 1-21. <https://doi.org/10.4000/confins.6040>
- Silva, Jaciara Santos da. (2021). *Dicionário de palavras desprezadas pelos jovens Galibi-Marworno*. (Dissertação de mestrado em Letras). Macapá: Universidade Federal do Amapá.
- Silva, Jaciara Santos da; Santos, Nordevaldo dos; Charles, João Alexandre Bertiliano; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da. Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019a). *No Liv dji ixtwa Galibi Marworno -Liv paradjitatk dji methés-iela*. Macapá, AP: Editora da UNIFAP. <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/12/no-liv-dji-ixtwa-balibi-marworno.pdf>
- Silva, Jaciara Santos da; Santos, Nordevaldo dos; Charles, João Alexandre Bertiliano; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da. Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019b). *Nate konétmã dji thavai: Liv djidatxik djimethés-iela*. Macapá, AP: Editora da UNIFAP. <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/12/nate-konetma-dji-thavai.pdf>
- Tassinari, Antonella (1998). “Karipunas” e “Brasileiros”: a trajetória de dois termos. Uma contribuição à história indígena da região do Baixo Rio Oiapoque. *XXI Encontro Anual da ANPOCS*, pp. 1-32. Caxambu, MG. <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt04-11/5060-atassinari-karipunas/file>
- Vendler, Zeno (1967). Causal relations. *The Journal of Philosophy* 64(21): 704-713. <https://doi.org/10.2307/2023854>
- Vidal, Lux (2001). Mito, história e cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. *Revista de Antropologia* 44: 117-147. <https://doi.org/10.1590/s0034-77012001000100004>

Vilhena, Erderson dos Santos (2020). A língua dos Karuãnas. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 1(2): 36-48. <https://doi.org/10.18468/rbli.2018v1n2.p36-48>

### **CRedit- Taxonomy of Academic Collaboration Roles**

**DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

Não há conflitos de interesse.

**CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR**

A responsabilidade sobre o artigo é inteiramente do autor, da concepção à versão final, após a revisão por pareceristas anônimos.

**ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS**

Este trabalho tem o consentimento de todos os falantes envolvidos.

**FINANCIAMENTO DA PESQUISA**

Parte deste trabalho foi subsidiado por base de dados elaborada para os subprojetos para a construção de dicionários *online* para o kheuól do Uaçá em suas variedades Karipuna e Galibi-Marworno do Museu do Índio/UNESCO.

Recebido: 1/11/2022

Versão revista e corrigida: 31/3/2023

Aceito: 3/4/2023

Publicado: 4/4/2023